

Distribuidoras temem corrida aos postos sem subsídio

Com o fim da subvenção ao diesel, em dezembro, e a alta do petróleo, empresas receiam que haja repasse aos preços nas bombas

Com o fim do subsídio do diesel marcado para o dia 31 de dezembro deste ano, as principais distribuidoras do país mostram preocupação com uma possível corrida aos postos de combustíveis. O presidente da BR, Ivan de Sá, disse que ninguém sabe o que vai acontecer a partir do dia 1º de janeiro. Ele participou de um painel promovido pelo jornal Valor Econômico, na Rio Oil & Gas, no Riocentro. A BR tem cerca de 8.000 postos no Brasil.

— Se houver corrida aos postos, vamos estar preparados para isso, com aumento dos estoques. Hoje, essa política de estoques está normal. Mas, se houver essa sensibilidade, vamos falar com os clientes para aumentar isso — afirmou Sá.

A preocupação ocorre porque o executivo disse que a BR está trabalhando com o cenário do fim do subsídio do diesel. O temor é que, com a alta do petróleo no mercado internacional, com o barril acima de US\$ 80, haja um forte repasse aos preços nas bombas.

— Entendemos que haverá a volta da sistemática de preços livres. O aumento do preço do petróleo e do dólar causam preocupação em torno do preço que será praticado. Estamos preparados para qualquer cenário, como a criação de um colchão de tributos para amortecer a alta do petróleo — comentou Sá.

Na última quarta-feira, em palestra na Rio Oil & Gas, o ministro do Planejamento, Esteves Colnago, destacou que o subsídio ao diesel é um tema importante a ser negociado e discutido com o governo de transição: — O subsídio não é uma solução estrutural, de longo prazo. Mas tem que se pensar em uma solução estrutural para a questão.

QUEDA NAS VENDAS

A Raízen, segunda maior distribuidora do país, também demonstrou preocupação com uma possível corrida aos postos. A empresa suspendeu investimentos de até R\$ 2 bilhões em logística por causa da interferência do governo no mercado de diesel. Durante o evento no Riocentro, o presidente da empresa, Luis Henrique Guimarães, defendeu que é preciso criar uma rampa de alta de preços por conta

do fim do subsídio: — Defendemos uma gradualidade. Dois meses passam rápido, e é preciso trabalhar firme. É preciso uma transição para o fim do subsídio, como uma rampa.

A crise gerada pela greve dos caminhoneiros reduziu as vendas das empresas, destacou Sá, da BR. Hoje, a companhia tem uma participação de cerca de 24% no país. Além disso, a BR ainda discute com a Agência Nacional do Petróleo (ANP) o recebimento de cerca de R\$ 25 milhões em relação ao diesel vendido com desconto por conta do subsídio.

— Com a greve, o volume de vendas em 2018 está menor que no ano passado. A economia poderia estar melhor, pois vem crescendo abaixo do que esperávamos. Além disso, o preço maior dos combustíveis está levando o consumidor a buscar opções mais baratas, como etanol e gás. E ainda houve uma racionalização do uso do carro — apontou Sá, que prevê investir cerca de R\$ 1 bilhão neste ano, pouco mais que no ano passado.

(Bruno Rosa)

Eletrobras arrecada R\$ 1,3 bi em leilão com baixa competição

Estatual vende participações em empresas de energia eólica e de transmissão. Investidores arrematam 11 dos 18 blocos ofertados. Ágio médio foi de 2%

RAMONA ORDONEZ

A Eletrobras vendeu ontem suas participações em 26 empreendimentos de geração eólica e de transmissão de energia, distribuídas em 11 lotes, em um leilão realizado na Bolsa de São Paulo, a B3, que resultou em R\$ 1,29 bilhão no total para o caixa da empresa. Embora o resultado tenha ficado bem abaixo da expectativa de arrecadação da Eletrobras, que era de R\$ 3,1 bilhões, o resultado foi comemorado pelo presidente da estatal, Wilson Ferreira Jr., porque os recursos serão usados para reduzir a dívida da companhia, hoje em R\$44,4 bilhões.

A meta inicial não foi alcançada porque nem todos os ativos ofertados pela Eletrobras tiveram interessados no leilão de ontem. No total, a Eletrobras havia ofertado participações em 71 sociedades de propósito específico (SPEs), distribuídas em 18 blocos pelo valor mínimo de R\$ 3,1 bilhões.

O valor arrecadado poderia ter sido maior se tivesse havido mais competição —apenas dois lotes foram negociados acima do preço mínimo, o que levou o ágio médio

do certame a apenas 2%.

O resultado também ficou abaixo do projetado por analistas, que não viam uma disputa agressiva na licitação, mas não esperavam que tantos projetos ficassem sem oferta, que foi o caso dos empreendimentos mais caros.

POUCAATRATIVIDADE

Para o coordenador do Grupo de Estudos do Setor Elétrico (Gesel) da UFRJ, Nivalde de Castro, as baixas taxas de retorno dos projetos foram um dos motivos para a falta de interessados em alguns ativos. Na visão dele, a incerteza eleitoral e a oferta de muitos ativos juntos também afugentaram investidores.

Os principais vencedores do leilão em número de lotes arrematados foram a transmissora de energia Taesa, controlada pela Cemig e pela colombiana Isa, e a elétrica Alupar. A primeira ficou com três lotes e a segunda com dois. A Alupar ainda levou um terceiro lote como integrante do consórcio Olympus VI. A Copelea Equatorial Energia também arremataram empreendimentos, um cada, assim como Brennand Energia, J. Malucelli e Serradas Vacas Participações.

O presidente da Eletrobras disse que vai avaliar com os órgãos envolvidos no processo uma forma de se desfazer das participações que

não foram vendidas no leilão. Na próxima semana, a Eletrobras vai se reunir com o BNDES, que conduz o processo de venda dos ativos, e a comissão de licitação da estatal para avaliar alternativas e submeter aos órgãos de administração da companhia e de controle do governo (TCU e ministérios do Planejamento, Fazenda e Minas e Energia) as medidas que serão tomadas.

Segundo Wilson Ferreira Jr., a estatal recebeu algumas queixas de potenciais compradores sobre os prazos previstos no edital, que não foram suficientes para a análise dos ativos.

— Vamos avaliar como tratar essas manifestações. Porém, o importante é que continuaremos perseguindo as vendas. Vendemos 11 de 18 lotes, e ainda tivemos ágio de 2,1% no total — disse o executivo.

— Com esses recursos já nos aproximaremos do objetivo de termos uma relação entre dívida líquida e Ebitda (geração operacional de caixa) muito próxima de três vezes.

No último balanço, relativo ao segundo semestre, essa relação era de 3,4 vezes. A Eletrobras contabilizava no fim de junho dívida total de R\$ 17,6 bilhões.

(Com Reuters)